

## VISÃO E VIAGEM DO ORIENTE NA *LUSITÂNIA TRANSFORMADA*

SARA AUGUSTO

Qu'est-ce qui n'est pas un voyage? Pour peu qu'on donne une extension figurée à ce terme - et on n'a jamais pu se retenir de le faire -, le voyage coïncide avec la vie, ni plus ni moins: celle-ci est-elle autre chose qu'un passage de la naissance à la mort?

(Todorov 121)

**Palavras-chave:** literatura de viagem, Oriente, novela pastoril, Fernão Álvares do Oriente, ficção

**Keywords:** travel literature, East, pastoral, Fernão Álvares do Oriente, fiction

### 1. Literatura de Viagens e a *Lusitânia Transformada*

O estudo da Literatura de Viagens em Portugal está inevitavelmente ligado à literatura produzida no âmbito da expansão ultramarina, contemplando um amplo espaço, do Oriente ao Ocidente, e um conjunto de formas distintas e variadas. O número significativo de títulos, abundantemente publicados e estudados nos últimos anos (Magalhães, Seixo, Sena), dá conta do interesse em dar a conhecer as novas realidades e de mostrar experiências de formas distintas de ser e de estar. Do *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama* (1497-1499) atribuído a Álvaro Velho, da *Carta de Pero Vaz de Caminha a ElRei D. Manuel* (1500), do *Esmeraldo de Situ Orbis* (1506) de Duarte Pacheco Pereira, ao *Roteiro do Mar Roxo* (1540) de D. João de Castro, à *Verdadeira Informação do Preste João das Índias* (1540) do Padre Francisco Álvares, ao *Tratado das Coisas da China* (1570) do Frei Gaspar da Cruz, ao *Itinerário da Terra Santa* (1593) de Frei Pantaleão de Aveiro, à *Viagem da Terra Santa* (1624) de Jerónimo Calvo, à *Etiópia Oriental* (1609) de Frei João dos Santos, e ao *Itinerário da Índia por Terra* (1611) de Frei Gaspar de São Bernardino, trata-se de um conjunto de obras, que com facilidade se amplia, que também apresenta um «Oriente» de assombro e espanto, fonte de riqueza mas também de tragédia e ruína. Esta dicotomia, entre a heroicidade dos «novos mundos ao mundo» e os aspectos negativos provocados pelo

esvaziamento da população válida do país, pela decadência dos costumes, pela subordinação da economia ao comércio do Oriente e pelos desastres com perdas de vidas e bens associados à viagem marítima, está presente nos textos literários desde o início de Quinhentos.

O exemplo do *Auto da Índia* (1509), de Gil Vicente, é dos mais significativos, sobretudo no relato que o marido, acabado de chegar da Índia, faz à jovem mulher, que deixou sozinha por três anos em Lisboa. Fica o apontamento das dificuldades da viagem, por entre ventos e tormentas, conjugados com impressões mais duradouras e mais significativas em termos de valorização e julgamento da viagem a Oriente: “Fomos ao rio de Meca, / pelejámos e roubámos / e muito risco passámos / à vela, árvore seca” (Vicente 358), acrescentando ainda o recém-chegado que “Lá, vos digo que há fadigas / Tantas mortes, tantas brigas, / E perigos descompassados, / Que assi vimos destroçados, / Pelados coma formigas” (Vicente 359).

Mas também o episódio do “Velho do Restelo”, no Canto IV de *Os Lusíadas*, no correr das estrofes 95 a 97, reforça esta visão negativa, acusando a “glória de mandar” e a “vã cobiça”, vaidades e inquietações da alma e da vida, conduzindo a desastres, perigos e enganamentos, de serem os errados impulsionadores de um empresa que ultrapassava, de longe, as reais perspectivas de um pequeno país na ponta ocidental da Europa. São ecos que, colocando de um lado o exotismo e o heroísmo e do outro o desastre e a corrupção, perpassam pela *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, escrita antes de 1580 e publicada em 1614, e pela *História Trágico-Marítima*, compilada e publicada por Bernardes Gomes de Brito em 1735 e 1736.

Contudo, o tema da viagem do Oriente não se tornou preponderante no âmbito da poesia e da ficção, depois da perda da independência, em 1580, apesar da produção de obras de significativa importância no que diz respeito ao Oriente e à literatura de viagens. Isto significa que a *Lusitânia Transformada*, de Fernão Álvares do Oriente, obra publicada em 1607, se constitui quase como exemplo único, mais significativo ainda quando acontece dentro de um género narrativo extremamente convencional e codificado como é a novela pastoril. Com efeito, uma das convenções que é possível observar em cada uma das novelas pastoris portuguesas, um desses traços codificados, tem a ver com a “viagem” levada a cabo pelo protagonista. Mas, neste caso específico da *Lusitânia Transformada*, a viagem, ao mesmo tempo que define o género pastoril da novela, torna-se também um dos factos mais marcantes da sua especificidade.

Se tivermos em conta a trilogia de Francisco Rodrigues Lobo, o principal modelo da novela pastoril produzida em Portugal, não é difícil ver qual a motivação e o procedimento da “viagem”, que se torna exemplo para a produção posterior: Lereno, protagonista da *Primavera* (1601) e das outras duas novelas da trilogia, *O Pastor Peregrino* (1608) e *O Desenganado* (1614), afasta-se do espaço original, cumprindo um percurso de expiação por descortesia amorosa, conduzindo também a uma mudança de estatuto, de pastor a peregrino e, finalmente, a desenganado, resultando na lição final: a evidência da impossibilidade de recuperar um estado feliz de isenção amorosa.

Esta deslocação provocada por motivos de força amorosa orienta praticamente todos os enredos da novela pastoril portuguesa. Ora, apesar de cumprir com as convenções do bucolismo e da viagem, a *Lusitânia Transformada* foge ao modelo, instaurando um paradigma particular de que se tornou também único exemplo, recuperado posteriormente com as novelas alegóricas do século XVIII. Deste paradigma singular faz parte um outro aspecto, que se conjuga com a viagem do Oriente: a metamorfose provocada pela “conversão” do universo pastoril “ao divino”, substituindo o amor “humano”, no seu jogo de engano e desengano, pela certeza e pela harmonia de um “amor” mais alto, capaz de garantir o amadurecimento e a quietação interior. O contraste entre os dois paradigmas é notável, permitindo uma oposição evidente entre a “vocação do infortúnio” e a solidão de Lereno (Ribeiro 37), da trilogia pastoril de Rodrigues Lobo, e o desengano pacífico do pastor Felício e os seus companheiros, da *Lusitânia Transformada*. É esta orientação do enredo da novela de Fernão Álvares que permite a metamorfose, e a “Lusitânia”, palco de folias e lamentos amorosos, transforma-se em espaço de excelência pastoril enquanto forma de canto e louvor a Deus, segurança e firmeza do coração humano, eliminando a angústia da incerteza e da efemeridade amorosa. Esta conversão é fundamentalmente o resultado da experiência sofrida a Oriente por Olívio e Ribeiro, depois Felício e Sincero na Lusitânia “transformada”, sendo que a mutação dos nomes dos protagonistas é a evidência de uma mudança interna, e a Lusitânia é o ponto de chegada de um percurso, que se projecta interiormente, onde se recupera um *modus vivendi* bucólico e religioso.

Tudo isto conduz ao reconhecimento da leitura autobiográfica desta novela ou, pelo menos, da consideração de alguns aspetos biográficos no desenho do enredo da *Lusitânia Transformada*, facto em que a maioria dos estudos sobre o assunto tem insistido, desde Teófilo Braga, a António Cirurgião e Osvaldo Silvestre. Nascido possivelmente em Goa, cerca de

1530, Fernão Álvares do Oriente faleceu entre 1600 e 1607, data da edição póstuma da *Lusitânia Transformada*. A sua experiência de soldado e viajante, por entre batalhas e viagens a Oriente, marcaram de forma definitiva o enredo tão particular da sua novela pastoril. Estruturada em dois planos, a viagem do oriente instaura-se com segunda narrativa, uma autobiografia turbulenta do pastor Felício, causa primeira da procura de uma Lusitânia pacificada, nos seus contornos bucólicos e espirituais.

## 2. A viagem do Oriente

A viagem do Oriente não constitui apenas um curto episódio no universo diegético da *Lusitânia Transformada*. Com efeito, no conjunto da novela, dividida em três partes, ou Livros, o relato dos acontecimentos relativos à viagem do Oriente preenche substancialmente o Livro II e o Livro III, ou seja, praticamente um terço de todo o universo narrativo (no Livro II, da Prosa IV à Prosa XII; no Livro III da Prosa II à Prosa V). A narrativa, encaixada no primeiro nível, acontece no contexto de uma romaria dos pastores a um templo de Nossa Senhora, na Prosa IV, onde se discute a diferença entre amor humano e amor divino, e onde encontram o piedoso pastor Sincero. Tendo em conta a condição de estrangeiro de Felício, o pastor Rurânio pede-lhe que dê conta da sua vida, procedimento comum na introdução de segundas narrativas: “Conta-nos, amigo, quem e donde eres, e a ocasião que aqui te trouxe a passar a vida nesta nossa ribeira, e a que nesta terra com tanto gosto te detém, sendo nela só tam estrangeiro”<sup>1</sup> (111v-112). E assim começa a longa narrativa de Felício, ou de Olívio, como se chamava na sua vida a Oriente, sendo necessário considerar que a narrativa da viagem e a visão do Oriente se entretecem com episódios da vida amorosa da personagem, uma vez que é o desengano no plano afetivo que provoca o regresso ao espaço lusitano e a metamorfose bucólica.

Nas partes remotas do Oriente, nãa cidade populosa Metropolitana de todo aquele Oriental Império, nasci; o meu nome era Olívio, o qual pola dita da mudança do estado, com o trajo mudei neste que agora tenho. (...) No estudo das letras, e em especial no da poesia, a que fui mais inclinado, empreguei a minha primeira idade com tanto gosto, que renunciei por ele outros exercícios, que naquelas partes, sendo de maior proveito, são também de mais estima. No serviço do belicoso Marte gastei parte algũa da mocidade, nam deixando nunca de todo, no contino reboliço das armas, a conversação das musas, misturando com o estrondo das trombetas, e a

---

<sup>1</sup> Actualizou-se a grafia e a pontuação da edição de 1607.

tambores obrando som da fruta sonora, quando o tempo ofrescia em algum silêncio conjugação acomodada de poder soar. (112-112v.)

Nascido em Goa, conjugando-se as letras e a arte da guerra na sua formação, desses tempos de Olívio datava o conhecimento e a amizade com Arbelo e com Ribeiro (depois Sincero), posto este “com grande quietação em o serviço da Virgem” na paróquia de Santa Luzia. Estabelecido o ponto de partida, é possível seguir, passo a passo, as viagens de Olívio e a sua visão do Oriente. Desde o início da narrativa que os acontecimentos surgem enquadrados pelas indicações e pela descrição do espaço. A indicação não é absolutamente clara, metonimicamente apontada como “Oriente”, e quanto à descrição da natureza, de que Felício dá conta, quando descreve uma das suas deambulações à procura do pastor Ribeiro, é necessário ter em conta dois aspetos: em primeiro lugar, a correspondência com a natureza bucólica da novela pastoril, considerando a harmonia dos traços; mas também, em segundo lugar, a individualização deste cenário específico, que poderemos considerar exótico na medida em que o olhar que o descreve procura o apontamento da diferença: rico, variado, estranho e novo.

Descrevendo o fim de tarde, “ceção que nas partes do Oriente é a mais pazível [aprazível]”, pela serenidade e pela frescura que “tempera o ardor da calma”, trazendo aos sentidos uma “deleitosa temperança” (113v), sentado “entre árvores frutíferos sobre flores olorosas” contempla e descreve os “segredos da natureza, que na variedade das cousas que as terras Orientais produzem se mostra ali mais poderosa” (113v). Nesta variedade vigorosa do mundo natural, julgou digna de maior referência a “palma frutífera, que penetrando as nuvens alevanta ao céu o seu pesado fruto, que cheio, quando tenro, d’água suavíssima, parece na doçura compitir com o celestial ambrósia” (114), outra planta a que chamam “os naturais árvore triste” (114), e ainda outra que dava um fruto venenoso para o homem, “um fruto tam prejudicial, que em pós de[s]feito, priva a quem em qualquer manjar os toma por espaço largo, do uso de todos os sentidos” (144v-115). A descrição adquire um sentido mais amplo quando passa para a atribuição de significados aos elementos naturais, como acontece com a palma, que “oferece também os ramos aos vencedores para o triunfo, que eles resistindo ao furor dos ventos estão em si representando” (114). Mais exótica pareceu a Olívio a “árvore triste”, descrita abundantemente em tratados de botânica da época (Carvalho 1-21), associada da mesma forma a um significado moral:

Noutra planta (de que naquele lugar havia grande cópia) a qual por delicado antifrási, chamam os naturais árvore triste, notando também estive várias excelências, de que vos afirmo, que então nenhũa me passou por alto para as contemplar, como agora faltam à memória para vo-las poder referir. A flagância do cheiro, que suas flores respiravam, feridas dum brando vento, que as sacudia, era para tornar à vida quem quasi dela estivera privado. E para que vejais companheiros, os segredos de mil cousas, que no fértil Oriente produce a natureza, sabereis, que estando este ramo mais florido, quando nega o Sol ao mundo a claridade de seus raios (e por isso porventura lhe deram os naturais o apelido de triste) tanto que com eles o toca, despede as flores, ficando de sua honra e fermosura despojado, e revestido ao redor o chão de seu ornamento lustroso. É a flor bela de condição tão perigosa e perigrina, que sendo tão suave, tanto que algũa mão a toca, perde logo a flagância do cheiro, por onde pudera entre os Egíptios ser a representação da fermosura. (114-114v)

O exótico presente na descrição de formas e características inesperadas repete-se no apontamento da utilidade, da abundância e da variedade. Mas deste exótico faz também parte a convivência entre a beleza e o perigo, ambos extremados, presentes na paisagem oriental, que se transforma em metáfora da visão do Oriente, entre o fascínio e a ruína. Assim:

Esta mistura me lançou na contemplação da variedade dos bens do mundo, vindo em um mesmo terreno distante o mal do bem, intervalo tam pequeno, que me assegurei na incerteza de suas bonanças, que sempre vemos com infortúnios seus tão misturados, que ninguém as possuiu na vida que os não trouxessem elas também consigo em companhia. (115)

Este carácter exótico da “palma” e da “árvore triste” ganha maior importância quando é incorporado (na última parte da Prosa 4) num procedimento clássico e também pastoril, a metamorfose, com a “antiga história índia» (116) de Saladino e Grisalda. O infeliz amor de Saladino, atraído por diferente afecto de Griselda, resultou na sua morte e a fé do seu amor ficou manifesta nas flores da árvore-triste e nos frutos e na verdura da palma (116-123v). Conclui Ribeiro, depois de Arbelo contar a história de clara inspiração ovidiana: “sempre o Céu por justa e igual balança / a bons o prémio deu, aos maus castigo / d’escapar-lhe ninguém tenha esperança” (125).

Na Prosa VII, Felício retoma o fio da sua narrativa, contando como o destino os separou e o levou para longe da pátria, em direcção a Samatra, onde, se não perdeu a vida nos riscos da viagem, achou “ocasião de perder a liberdade, que sobre tudo estimava, entregando nas mãos do Amor a vida, que de tantos infortúnios escapara” (140). Instalou-se em Macau e

colocando-se ao serviço de Petrário, o pai da “sua amada” Tecrina, teve ocasião de viajar pelas diversas partes do oriente.

A viagem ao Grão Cataio, a China, foi motivo de interessantes descrições, na Prosa VII, ocupando o tempo “em notar a variedade das cousas perigrinas, e costumes estranhos do uso comum das outras gentes, que naquela terra víamos cada dia” (144v). As mais variadas circunstâncias prenderam a sua atenção: desde a grande cidade, cingida pelo rio, onde os habitantes viviam em barcos, “sem terem na terra nenhum outro domicílio”, ao cultivo abundante dos campos “com abundância tão estranha, e de cousas tão várias, que só esta província em grão supremo abunda de quantas por todas as outras repartiu a natureza, produzindo muitas de que carecem todas”, à criação de faisões (“adens”), que limpavam os campos das ervas daninhas, de peixes, em barcas alagadas, “como em viveiro”, e de bichos da seda, “que desentranhando-se pagam com a vida, a quem os cria o benefício da sustentação naquelas partes não custosa, por serem todas povoadas de amoreiras, de cujas verdes folhas os bichinhos se apacentam” (144v-145v).

A outra viagem de Olívio foi ao Japão, as Ilhas Platárias, nome dado às Ilhas do Arquipélago japonês, passando pela “Ilha Ferosa”, Taiwan, assim chamada pela “fermosura com que a ornou o céu e a natureza” (146), entregando “o gosto com as velas ao vento, e o corpo com a vida aos perigos do mar incerto” (146). Carregada a prata e resolvidos os negócios, e depois de longa conversação com Sebasto sobre “as leis do mundo e do amor” (146v), retomaram a viagem (Prosa IX, 158). Nesta sequência, tornam-se mais evidentes os ecos da épica camoniana, entre a descrição de fenómenos naturais, como a tempestade que sofreram, e elementos do maravilhoso marítimo:

Pronosticando estavam semelhantes infortúnios os expertos mareantes, quando cobrindo-se os céus subitamente d’ua expressa nuvem, que nos privou da luz do dia, despidiu de si tam ardentes raios, que parecia a ruinar de todo a máquina celeste, e cair sobre a terra feita em pedaços, e a nuvem de quando em quando rasgando-se d’alto abaxo penetrava com um furioso resplendor as íntimas entranhas do mar profundo. Os ventos assoviando, antes bramindo alevantavam as ondas, que com ímpeto desmedido contrastavam a nau que já quasi se rendia combatida da força de tão poderosos inimigos. Os marinheiros, que acostumados a casos semelhantes, bebem neles tantas vezes o trago da morte, recolheram com trabalho as velas depois que em pedaços as vimos volteando polos ares, como estandartes, que à fortuna já de nós vitoriosa em sinal de seu vencimento arvorava em nosso dano. (159)

No terceiro dia, quando o tempo melhorou, amanheceram “bem junto d’um penedo temeroso”, onde estava uma “sereia”:

(...) ãa donzela marinha, que com os cabelos crespos e louros cobria os cristalinos membros, descobertos de todo o outro artifício. Mas porque no restante do corpo não mostrava forma humana, antes em ãas barbatanas se arrematava, me veio à lembrança o que das Sirenas antigas tinha ouvido muitas vezes (...). (159v)

Esta sequência da tempestade para o maravilhoso atinge o seu auge com o desembarque na “Ilha Ferosa”, descrevendo uma natureza bucólica, de “ervas e boninas”, onde corria “um ribeiro límpido com um brando murmurinho” e onde “não faltavam no ameno bosque avezinhas que brincando viçosas pelos ramos despertavam nos corações, amorosos pensamentos com o canto dos versos alternados, com que ãas às outras se respondiam imitando a música de que usamos no monte os pastores” (164). O narrador deixou de lado a descrição das particularidades da natureza oriental, introduzindo, a partir de uma natureza estilizada, um episódio carregado de espaços e personagens alegóricos, onde se inscreve a história da Princesa Dinabela e do Príncipe Arima (166v-181), narrativa de forte cariz moralizante. Depois de ouvirem a história, de contemplarem os palácios e os templos (da Cortesia, da Honestidade e da Fortaleza), guiados por Clemência, pela Modéstia e pela Constância, voltaram a partir, com tempo brando e favorável, para Macau (Prosa XII).

Desenganado do amor de Tecrina, Olívio determinou partir definitivamente do Oriente:

(...) determinei fugindo levar a vitória do tempo incerto, do mundo enganoso, da inconstante fortuna, e do Amor, amigo falso e lisonjeiro. Estava então no porto para partir ao mesmo dia ãa nau aparelhada d’estrageiros (que acaso guiados por minha boa estrela ali vieram aportar) para aquela parte, que do seu ouro tomou o nome tam celebrado no mundo de Aurea Chersoneio. Nesta embarcação, dando primeiro conta em segredo de meu dissenho ao Mestre dela, me meti escondido no mesmo dia, e disfraçado em trajos de pirigrino com intento de vir buscar esta Ribeira vossa, de cuja fama retumba o eco nos montes mais remotos do nosso Oriente (...). (201-201v)

Neste regresso, o percurso do narrador dá conta do habitual itinerário do Oriente: em Samatra embarcou numa nau que partia para Portugal, tendo sido viagem de “muitos trabalhos e perigos”, sem que conseguissem passar pelo promontório do Adamastor. Assim, se acharam “nas Ribeiras da Etiópia, cujas secas e ardentes areias tam sem fruto foram tantas vezes de minhas lágrimas regadas” (202v). Aqui, na costa Leste de África, reencontrou o pastor Ribeiro, o que constitui grande ventura na adversidade, com quem ficou até continuar a viagem:

(...) a que com próspero vento demos princípio tam felice, que achando de todo assossegadas as tormentas do Promontório, que já delas teve o apelido, tivemos por ele pacífica passagem, em desconto das adversidades com que nos recebeu a outra vez que ali chegámos. (208v)

Depois de fazerem refresco na Ilha de Santa Helena, habitada por ninfas e faunos, qual outra Ilha dos Amores, chegou a nau a Portugal, completando o percurso pelas ribeiras do Lena e do Nabão:

(...) e nós entregando outra (sic) vez as velas ao vento e as vidas aos mares inimigos, chegamos a ver as areias do celebrado Tejo, douradas antigamente na opinião dos estrangeiros, e regadas agora com as lágrimas dos naturais. Eu, como tinha posto a glória da vida na minha perigrinação, três dias me detive só em ver as grandezas da Cidade insigne, que na nossa Europa edificou Ulisses. Passando depois pola ribeira do claro Lena e por esta do vosso Nabão tam famoso, fui ver as do Erimanto, e a gentileza dos pastores do alto Menalo, com eles tam soberbo, lá na pastoral Arcádia. Aqui como outro Teseu, que alcançou por venturosa sorte as maçãs d'ouro que guardavam as Hespéridas, colhi eu d'utra (sic) planta o depósito rico com que a enobreceu o velho Sincero, e com ele me vim a esta vossa ribeira, a que me inclinou mais o gosto, para fazer do seu sítio deleitoso particular escolha, para o restante da vida que o Céu m'empresta. (223-223v)

E Felício concluiu a sua narração:

Este foi, pastores venturosos, o discurso de minha perigrinação, este o processo largo de minha vida breve, a qual ficando polo mundo em tantos pedaços repartida, só aquela parte que dela entre vós agora passo, fica merecendo mui bem nome de vida. (223-223v)

### **3. A *Lusitânia Transformada***

A visão do Oriente, as viagens no Oriente e do Oriente para Ocidente, parecem, nesta obra, relacionar-se com o facto de assistirmos a uma evidente sobreposição do plano biográfico e do plano ficcional, sendo que o primeiro parece condicionar fortemente as opções constantes do enredo. Como notou Anne-Marie Quint, numa leitura das histórias de Felício e de Lereno, protagonista das novelas pastoris de Francisco Rodrigues Lobo, o espaço marítimo traduz um desvio do convencionalismo bucólico. Contudo, a valorização de cada novela deriva sobretudo da capacidade que apresenta de inovação em relação aos modelos instituídos, mais até do que pela competência para seguir adequadamente a convenção. No caso particular de Fernão Álvares do Oriente, a biografia do autor, a experiência de viajante e militar e, não menos importante, a influência de toda a

literatura de viagens ao Oriente, podem ter sido os fatores que se conjugaram na peculiar configuração do espaço na *Lusitânia Transformada*.

A história de Olívio, que depois será Felício, mudança que representa uma continuidade da metamorfose explícita no título “Lusitânia transformada”, constitui um dos principais aspetos da interligação entre biografia e enredo, apesar de subordinada ao sentido unificador da novela. A visão do Oriente é condicionada pelo conhecimento e pela experiência *in loco*, que revelam uma dupla aproximação: por um lado, a expressão do fascínio e do exótico, mas por outro lado a consciência dos trabalhos e dos perigos associados à viagem marítima e às novas terras desvendadas. A revelação desta dicotomia, patente nas descrições de Goa e de Macau, das longas viagens entre a Índia e o Japão e da maior viagem entre o Oriente e Lisboa, adquire com frequência um aspeto de consideração moral e edificante, colocando-a num nível de reflexão e de consciência entre o “engano” e o “desengano”, que marcam o sentido último da *Lusitânia Transformada*. Na verdade, os perigos da “viagem oriental”, apesar de extremos, não são maiores do que os perigos que assolam a vida quotidiana no que diz respeito à inquietude interior.

Assim, se a viagem do Oriente constitui um dos aspetos mais significativos, compondo-se como segunda narrativa, processo comum na ficção seiscentista e setecentista, ainda assim a *Lusitânia Transformada* obedece aos códigos da novela pastoril. Na sua harmonia bucólica, a *Lusitânia Transformada* é para Felício e para os que com ele vieram do Oriente, mas também para todos os que se enganaram na procura da felicidade no amor humano e agora convertem as suas esperanças, felizmente desenganadas, na fé e no amor divinos, é, dizia, um porto de abrigo.

Assim, num último sentido, a viagem do Oriente para a Lusitânia, uma Lusitânia agora transformada, adquire um sentido alegórico, correspondendo à extraordinária capacidade de interpretação alegórica da novela pastoril (López Estrada 92-93): é a metáfora mais adequada de uma *questing journey*, ou seja, a conquista de um estado de alma pacificado com as contingências humanas e orientado, neste caso particular, por uma relação privilegiada com o Divino.

### **Bibliografia:**

Todorov. T. *Les Morales de l'Histoire*. Paris: Hachette Littératures, 1997.

- Augusto, Sara. *A Alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2010.
- Barreto, Joao Franco. *Micrologia Camoniana*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.
- Braga, Teófilo. *Historia de Camões. Parte II. Eschola de Camões*. Porto: Imprensa Portuguesa-Editora, 1874.
- Camões, Luís de. *Os Lusíadas*. Emanuel Paulo Ramos (ed.). Porto: Porto Editora, 1997.
- Carvalho, Teresa Nobre de. “No rasto da árvore-triste (*Nyctanthes arbortristis* L.) nos textos botânicos dos séculos XVI e XVII.” *Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos*. IICT /CCCM, 2008. 1-21. Visited: 25-03-2013.  
[http://www2.iict.pt/archive/doc/T\\_Carvalho\\_wrkshp\\_plts\\_medic.pdf](http://www2.iict.pt/archive/doc/T_Carvalho_wrkshp_plts_medic.pdf)
- Finazzi-Agró, Ettore. *Novelística portuguesa do século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.
- López Estrada, Francisco. *Los Libros de Pastores en la Literatura Española. La órbita prévia*. Madrid: Gredos, 1974.
- Magalhães, Isabel Allegro de. “Literatura de Viagens I (O lado crítico e negro da expansão).” *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Século XVI*. II, Fundação Calouste Gulbenkian 23, 2002. Visited: 25-03-2013.  
<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=boletim&task=view&id=116>.
- Mulinacci, Roberto. *Do Palimpsesto ao texto. A Novela Pastoril Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.
- Oriente, Fernão Álvares do. *Lusitânia Transformada*. António Cirurgião (ed.). Lisboa: INCM, 1985.
- Oriente, Fernão Álvares do. *Lusitânia Transformada*. Lisboa: Luis Estupiñam, 1607.
- Quint, Anne-Marie. “Pastores no mar: o espaço marítimo nos romances pastoris de Fernão Álvares do Oriente e Francisco Rodrigues Lobo.” *Revista de Letras* (1999): 25-36.
- Ribeiro, Cristina Almeida. “A vocação do infortúnio: Lereno, entre sonho e desengano”. *Românica* (1993): 37-47.
- Seixo, Maria Alzira. *Literatura de Viagens*. 2001. Instituto Camões. Visited: 25-03-2013 <http://cvc.instituto-camoes.pt/literatura/litviagens.htm>.

- Sena, Isabel de. "Literatura de Viagens II." *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Século XVI*. II, Fundação Calouste Gulbenkian. 22, 2002. Visited: 25-03-2013.  
<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=boletim&task=view&id=117>
- Silvestre, Osvaldo Manuel. "Fernão Álvares do oriente." *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Vol. I. Lisboa: Verbo, 1995. 188-190.
- Silvestre, Osvaldo Manuel. "Novela pastoril." *História da Literatura Portuguesa. Renascimento e Maneirismo*. Ed. Soares Carvalho, vol. II. Mem Martins: Publicações Alfa, 2001. 505-520.
- Vicente, Gil. *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente*. Maria Leonor Carvalhão Buescu (ed.), vol. II. Lisboa: INCM, 1984.

**Resumo:** A viagem ao Oriente motivou vasta e rica produção literária e informativa durante o século XVI. Contudo, se por um lado se escreveram longas páginas descritivas de novos lugares, gentes e costumes, por outro lado os textos literários frequentemente acentuaram uma visão disfórica, apontando a ambição e a cobiça como motivações e a corrupção como consequência da empresa marítima portuguesa. Esta visão prolongou-se no século XVII e XVIII, com a publicação tardia da *Peregrinação* e da *História Trágico-Marítima*, reunida por Bernardes Gomes de Brito, mas não ganhou lugar como tema na ficção romanesca produzida nos períodos do Maneirismo e do Barroco. A grande exceção é a *Lusitânia Transformada* (1607), de Fernão Álvares do Oriente. Neste trabalho pretendemos mostrar qual a visão do Oriente e os contornos da viagem nesta novela pastoril, procurando perceber os motivos da ausência deste tema na ficção produzida até à segunda metade do século XVIII.

**Abstract:** A journey to the East motivated vast and rich literature during the 16th century. However, if on one hand we wrote long descriptive pages of new places, people and customs, on the other literary texts often accentuated a dysphoric vision, pointing ambition and greed as motivations and corruption as a result of Portuguese maritime company. This vision lasted in the 17th and 18th centuries, with the publication of the *Peregrinação* and the *História Trágico-Marítima*, by Bernardes Gomes de Brito, but not earned place as a theme in fiction novelistic during Mannerism and Baroque periods. The big exception is the *Lusitânia Transformada* (1607), by Fernão Álvares do Oriente. In this work we intend to show the vision of the East in this novel pastoral journey and the reasons for the absence of this theme in fiction till the second half of the 18th century.